

Caderno




IMPRENSA
OFICIAL/ES

Revista de Cultura do
Diário Oficial do Espírito Santo

Ano VI - n.º 34 • Vitória-ES • Julho de 2016 • Bimestral

“Marujada de Cabôco”, CULTURA POPULAR NA VEIA

Páginas 3 a 5

O MARKETING CULTURAL
E O SUCESSO DA CAMERATA SESI

Páginas 10 a 13

O eterno Milson Henriques

O multiartista, que morreu em junho,
projetou sua carreira no Espírito Santo
e contagiou a cultura local

Páginas 6 a 9



Talento inesquecível



Foto: Divulgação

Milson retratava a sua relação profissional e de amizade com José Luiz Gobbi, intérprete da personagem Marly, sempre com muito humor

A morte do multiartista Milson Henriques, no final de junho, tirou de cena um dos mais importantes personagens da

cultura capixaba. Apesar da imortalidade de sua obra, o humor diário de Milson, que variava daquele trato mais fino ao escracho total, fará muita

falta, especialmente nestes tempos tão amargos para o país.

Nesta edição do Caderno D, amigos e artistas lembram da sua trajetória e do seu inquestionável talento, da sua capacidade criativa e do seu vigor poético para encarar as durezas da vida.

Por muitos anos, além de impulsionar o teatro capixaba com seus textos e sua atuação, Milson alavancou outros talentos, criou festivais para dar espaço a músicos e cineastas, torceu pela arte local e foi reconhecido pela sua generosidade.

Os caminhos abertos por artistas como Milson deram voz a uma cultura capixaba que vai do popular ao erudito. O projeto “Marujada de Cabôco”, que trata da influência da cultura negra e indígena no norte capixaba, e a atuação da eclética Camerata Sesi são bons exemplos do espaço que a arte ganha no Espírito Santo.

Boa leitura! ■

Caderno D

Revista de Cultura do
Diário Oficial do Espírito Santo

GOVERNO DO ESTADO

PAULO CÉSAR HARTUNG GOMES
Governador

CÉSAR ROBERTO COLNAGO
Vice-Governador

DAYSE MARIA OSLEGHER LEMOS
Secretária de Gestão e Recursos Humanos



GOVERNO DO ESTADO
DO ESPÍRITO SANTO

DIO
MIRIAN SCÁRDUA
Diretora-presidente

SÉRGIO RICARDO DE OLIVEIRA EGITO
Diretor de Produção e Comercialização

GETÚLIO DARCY CURTY PIRES
Diretor Administrativo-financeiro

SECULT
JOÃO GUALBERTO M. VASCONCELOS
Secretário de Estado da Cultura

Coordenação de produção
Sérgio Egito e Stephanie Oliveira

Edição, redação e revisão
Companhia de Comunicação

Projeto gráfico e editoração
Comunicação Impressa

Jornalista responsável
Cláudio Rocha

Impressão
Gráfica do DIO

Ilustração da capa cedida por Amarildo Lima

Este Caderno pode ser acessado no site www.dio.es.gov.br



A viagem literária de Ojú

O JORNALISTA ESTUDA AS CULTURAS NEGRA E INDÍGENA COM O PROJETO “MARUJADA DE CABÔCO”

O “Marujada de Cabôco”, segundo Ojú, foi feito de pedacinhos de coisas. “Uma palavra, um verso, uma história, um lugar, uma nota, um instrumento, um toque, um sentido...”

Quando o jornalista e poeta Eduardo Ojú aprofundou os estudos sobre as manifestações da cultura negra e indígena na região norte do Espírito Santo, em 2011, começou a sair do papel um dos projetos atuais mais instigantes da cultura popular do Estado: o “Marujada de Cabôco”. A ideia era ter uma experiência literária, para representação cênica, baseada em pesquisa com grupos de cultura popular dos municípios de São Mateus, de Conceição da Barra e de Linhares.

Essas pesquisas continuam sendo feitas a partir de histórias de pessoas e de grupos de cultura popular daquela região. O texto ficcional trabalhado por Ojú é construído em verso e prosa e inspira-se no imaginário dos

festejos dos três municípios do norte capixaba. O corpo desta experiência se divide em ficção, pontos, publicações factuais e vídeos (este último, com o registro das manifestações da cultura popular local).

O próprio autor explica que o “Marujada de Cabôco” vem se criando há mais tempo do que o nome dado ao título de projeto, em 2011. “Foi feito de pedacinhos de coisas, juntadas aqui e ali. Uma palavra, um verso, uma história, um lugar, uma nota, um instrumento, um toque, um sentido...”

O que primeiro chamou a atenção de Ojú foi o canto da capoeira e o batoque, “algo intangível e que me contava mais do que eu podia saber”, conta ele, que seguiu esse rastro

inventando pontos derivados de cantigas de capoeira. “Mas isso não decifrava o batoque. Então, fui selecionando o que gostava de ouvir para aprender. Primeiro o violão, basicamente a harmonia de bossa nova por Almir Chediak, e rudimentos de partituras, algumas peças para iniciantes barrocas, românticas, cubanas e brasileiras.”

Festejos

No projeto “Marujada de Cabôco” o universo dos festejos populares do norte capixaba faz parte do enredo e, ao mesmo tempo, dá forma à proposta cênica. Seu universo rítmico, os instrumentos utilizados e a indumentária têm como fontes o Ticumbi, o Reis de Boi e o Jongo, manifestações que re- >>

verenciam imagens sagradas da Igreja Católica e de um intenso sincretismo com as culturas dos povos africanos e indígenas.

“Aqui a devoção, por meio de sua estrutura performática e ritualística, serve-nos como ferramenta. Queremos apresentar a lógica ritualística das manifestações da cultura popular enquanto uma tecnologia de comunicação e uma estética relacional, atualizando o sentido de religar contida nessas expressões”, explica Eduardo Ojú.

O nome “Marujada” faz referência a um auto popular que reconta a saga dos Mouros e Cristãos durante o período das navegações às Índias, que foi praticado em São Mateus até meados do século passado. Na ficção de Ojú, uma marujada de “cabôcos” ruma para o mar afim de submergir nos braços da Calunga, a mulher que é mar e também é morte. Em seguida, surgem pelas ruas novas brincadeiras, dessa vez, dedicada a São Benedito das Candongas.

Como proposta cênica, o projeto “Marujada de Cabôco” busca recriar a interação que as expressões da cultura popular encenam e o modo como “mancham” a fronteira entre espectador e espetáculo e está organizada a partir de músicas, interpretação de textos e do bailado. Trata-se de uma brincadeira para ser feita nas ruas, em áreas verdes e espaços abertos da cidade, onde os brincantes fazem uso de instrumentos percussivos e representam uma narrativa mítica a partir de textos em verso e prosa.

“Pretendo reportar o ‘cabôco’, como a feição atual do ser humano, universal, a partir de referências culturais regionais



Divulgação/Leandra Barros

Com o projeto, Eduardo Ojú foi aprofundando seus textos relativos ao batuque, que até então se restringiam à capoeira

dessa área compreendida pelos municípios de Conceição da Barra, de São Mateus e de Linhares. Dois personagens, o Preto Velho, conhecido por São Benedito das Candongas, e o Maluco da BR, por nome de Anchieta, dão o fundamento para o ‘cabôco’ realizar a marujada. Esta, porém, não é necessariamente a representação da guerra entre cristãos e mouros pela costa africana, mas um novo rito onde o ‘cabôco’ afunda mar adentro e ‘poca’ mundo afora. Alguns elementos contidos na ficção, como A Porta do Tape-te Voador e, agora, o Tambor Dialético (outros projetos desenvolvidos por Ojú), são levados à rua para responder às questões do enredo.”

Sobrevivência

A ideia de Eduardo Ojú é garantir a condução do projeto em um local, cedido pelo professor Jadir Feliciano, no Morro de São Benedito, em Vitória. O jornalista define Feliciano como um festeiro, um eterno “patrocinador” e uma figura sempre comum nas festas de cultura popular. A proposta é fazer encontros men-

sais na casa cedida pelo amigo, no último fim de semana de cada mês, com crianças. “Quero criar um núcleo lá. Tem a feira de Vila Nova (bairro periférico de São Mateus), onde quero criar outro núcleo, com ajuda de antigos alunos do Encenação (um grupo teatral do Araçá), apresentando o projeto no segundo domingo de cada mês.”

O jornalista está, também, tentando criar outros núcleos em Mucurici, “onde a produção de dança capixaba é muito interessante”, e no Pontal do Ipiranga, em Linhares, “onde tudo começou e onde mais quero que exista a Marujada de Cabôco”.

No Pontal do Ipiranga, Eduardo Ojú juntava seus primos, primas, panelas e baldes. “Saíamos para tocar nossas músicas, ainda sem saber o que era o Jongo, Congo, ou qualquer outro nome.”

Apesar de todos esses sonhos, de espalhar o conhecimento sobre manifestações folclóricas da cultura negra e indígena, no momento ele não tem recursos para expandir o projeto. “Por enquanto é só uma vontade.”



Conhecer brincando

O jornalista Eduardo Ojú tem uma formação multicultural. Antes do projeto “Marujada de Cabôco”, já sintetizava as informações da cultura negra e indígena por meio de pequenas composições. “Elas esburravam em textos que não cabiam em canções. A experiência teatral me levou a textos escritos como se fossem falados.” Suas primeiras experiências literárias, a partir desse interesse, estão no blog <http://likeanexu.blogspot.com.br/>. Paralelo às atividades que dedicava ao teatro, Ojú fez jornalismo e desenvolveu ações de agente cultural.

Sua primeira ação dedicada ao Marujada viria em 2011, com uma peça teatral realizada para o Projeto Tamar. Naquele ano, teria uma bolsa literária para pesquisar a região compreendida por Conceição da Barra, São Mateus e Linhares. Com a bolsa, surgiu o nome e a ficção, aprofundando seus textos relativos ao batuque, que até então se restringia à capoeira. “Pude, então, conhecer o Jongô, o Reis de Bois e o Ticumbí, que me diziam respeito por uma

identificação misteriosa e demonstravam um rito que aprofundava o sentido da festa e das formas exteriores de canto e batidas.”

No trabalho do “Marujada de Cabôco”, já no ano passado, quando foi contemplado com recursos do edital de Artes Cênicas da Secretaria de Estado da Cultura (Secult), apareceriam diversas experiências distintas dentro do campo das artes cênicas. “Pincelamos seis textos, seis pontos e três brincadeiras de roda (de Jongô e Congo) para serem expostos em ambientes públicos de Vitória, para demonstrar, a festa do litoral norte capixaba. Não era para reproduzi-las, mas para criar a partir de suas referências, porque essas festas são uma criação cultural coletiva, são produção de conhecimento genuíno.”

Todos esses conhecimentos são focos das oficinas chamadas Tambor Dialético. Os participantes são convidados a pensar como os saberes negro e indígena estão presentes na cultura popular e como essas matrizes culturais também são fontes das grandes religiões, ciências, filosofias e artes. Em uma viagem do mundo antigo até a contemporaneidade, a proposta poética de Eduardo Ojú apresenta o “cabôco barroco e universal” – personagem duplo que surge da diáspora africana e do holocausto indígena –, para propor uma imagem afrocêntrica do ser humano no lugar da representação eurocêntrica.

Para Ojú, o que melhor define o seu projeto é pensar brincando. O público que participa do projeto é o mesmo desde o início. Na primeira peça, feita para o Projeto Tamar, participaram cinco alunos do Centro Cultural Araçá, de Vila Velha, para quem o jornalista dava aula de música dentro do núcleo de teatro popular. Durante o tempo da bolsa literária, ele trabalhou

sozinho. A psicóloga Maria Eduarda Neves, que também atuou no coletivo “A Porta do Tapete Voador”, passou a acompanhá-lo nas festas e ajudá-lo nos registros visuais para o “Jornal Barato”. A artista plástica Charlene Bicalho e a atriz Elaine Vieira também atuam no Projeto.

Antes de chegar ao “Marujada de Cabôco”, o autor realizou outros três projetos que deram suporte conceitual à sua atual proposta artística-cultural: o coletivo “A Porta do Tapete Voador”, o “Música de Mangueio” e a proposta de jornalismo em rede do “Jornal Barato”.

Com A Porta do Tapete Voador, produzia encontros mensais na rua, com o mínimo de som e instrumentos, criando espaço para a produção cultural local. O projeto virou porta de entrada para outro território, no qual grupos de jovens, moradores de rua, hippies, “nóias” e o público LGBTQTS tinham tráfego livre.

O Jornal Barato foi o seu projeto final para conclusão do curso de jornalismo, que ele explica como uma contraposição virtual ao jornal-revista de Alberto Dines, no livro “O papel do Jornal”. Este blog ainda existe, hoje mais como perfil no facebook.

Trabalhou no Centro Cultural Araçá como voluntário no núcleo de música, no RTVA, núcleo de áudio e vídeo e, por fim, foi contratado para ensinar música popular dentro do Núcleo de Teatro Popular de Araçá.

No outro projeto que desenvolveu, o Música de Mangueio, Ojú, junto com o coletivo A Porta do Tapete Voador, reuniu seis pessoas, composições musicais dele em parceria com Warlen Fagundes, e percorreu a BR 101 Sul, mangueando um CD artesanal, gravado em MP3 via celular. Com esse projeto, começou a fazer apresentações musicais na feira de Vila Nova. ■

Vivo na memória

e na cultura capixaba

A OBRA DE MILSON HENRIQUES DEIXA LEGADO PARA OS ARTISTAS E PARA O PÚBLICO DO ESPÍRITO SANTO

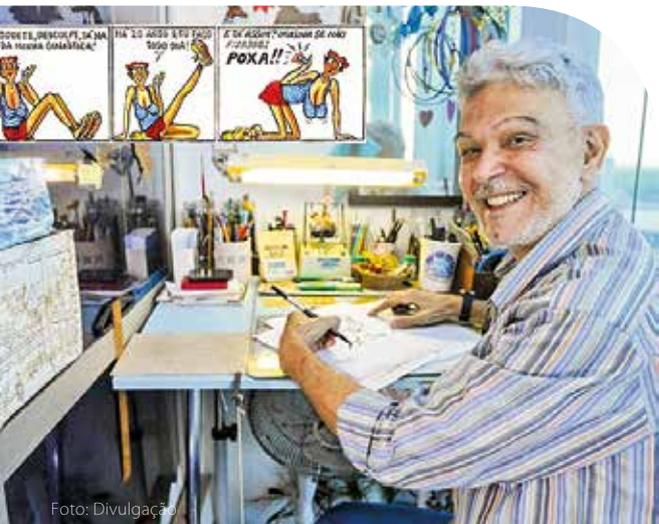


Foto: Divulgação

Milson Henriques fazia tirinhas diárias de Marly para o jornal A Gazeta

A vasta contribuição de Milson Henriques para a cultura corre viva na veia do capixaba. O cartunista, escritor e ator, morto no dia 25 de junho deste ano, continua movimentando a cidade. Já está em preparação, para o próximo ano, um grande evento em homenagem ao artista multimídia.

A movimentação começou com a proposta de realizar um festival para reunir as obras de Milson Henriques. A organização é de Wilson Nunes, amigo de longa data do artista, com a proposta de marcar o ano em que Milson completaria 79 anos de idade.

Segundo Nunes, serão escolhidas peças produzidas desde a década de 1960 para que sejam novamente apresentadas. Outra ideia é a criação de um memorial Milson Henriques, em uma casa no centro de Vitória, que abrigaria suas obras e que seria um ponto referência para artistas de vários ramos, um local para encontros, reuniões, ensaios...

“Quero abrir esse espaço, que deve ser administrado por uma associação, para o artista capixaba”, conta Nunes, que diz ser esse um desejo do seu amigo, vencido por uma leucemia, mas com uma obra muito viva e de grande herança para o Estado.

A importância deste artista que não chegou a completar o ensino primário (o que corresponde hoje à fase inicial do ensino fundamental) é explicada por antigos parceiros e outros artistas que atuam no Espírito Santo.

Para o ator, que é também especialista em comunicação e em desenvolvimento de pessoas, José Luiz Gobbi, que encarnou no teatro a personagem Marly, Milson Henriques é o maior ícone contemporâneo da cultura capixaba. “Não digo que Milson tenha revolucionado o teatro capixaba, mas, certamente, ele criou um teatro genuinamente

capixaba, falando das coisas daqui”, justifica Gobbi.

O ator foi o escolhido por Milson Henriques para representar no teatro a solteirona Marly, o mais conhecido de todos os personagens que criou. “A Marly foi o maior sucesso da história do teatro produzido no Estado. Costumo lembrar, para ilustrar o sucesso que alcançamos, que uns ladrões até tentaram assaltar a bilheteria do teatro porque estávamos sempre lotados”, diverte-se Gobbi. Aliás, o assalto não foi bem sucedido.

Foto: Divulgação



Foram quatro versões para o teatro, todas estreladas por José Luiz Gobbi, todas sucesso de público e recordistas de tempo em cartaz: “Hello Cruzodete”, em 1992; “Hello Cruzodete II, a Missão”, em 1994; “Hello Cruzodete, a perereca da Marly”, versão infantil, em 1997; e “Hello Cruzodete IV, finalmente alguém comeu”, em 2006.

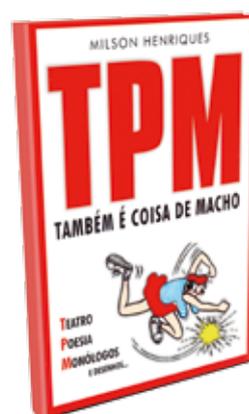
Para representar a Marly no teatro por 17 anos, Gobbi conta como foi o convite inusitado. “O Milson convidou antes cinco atrizes para fazer a Marly e todas recusaram, ficaram indignadas porque a personagem era uma mulher muito feia. Então ele me ligou e perguntou se eu aceitava representar aquela mulher. Eu pedi cinco minutos para pensar, antes de responder que topava. Foi o meu maior sucesso até hoje no teatro.”

Um parceiro ainda mais antigo de Milson Henriques no teatro,

o jornalista, ator e cineasta Luiz Tadeu Teixeira diz que o colega viverá para sempre na memória da cultura capixaba. Ele lembra de trabalhos que atuaram juntos, como a peça “Mordaça”, e da reação que eram capazes de despertar no público.

“O espetáculo começava com o ‘Uivo’, poema de Allen Ginsberg, com eu e Milson fazendo um ping pong ou um jogral, com ele no palco e eu no fundo do teatro e depois andando sobre os braços das poltronas, enquanto dizia o estribilho do poema (‘Vi os melhores espíritos da minha geração serem destruídos pela loucura; famintos, nus, histéricos, arrastando-se pelas ruas escuras da madrugada, em busca de uma dose de entorpecentes; rebeldes com cabeças de anjos...’). Na terceira vez que eu disse isso, uma voz grave, forte, alta se ouviu na plateia dizendo: “Da sua geração só não, da minha

Foto: Divulgação



TPM é um dos muitos livros publicados por Milson Henriques

também, de todas as gerações”. Era um senhor, que depois fiquei sabendo ser um médico conhecido na cidade. A esposa do doutor, ao seu lado, começou a falar algo com ele tentando inutilmente acalmá-lo... E ele: ‘Você não me mande calar a boca, que eu falo quando quiser’. E levantou, saiu do teatro batendo a porta do fundo e a esposa atrás pedindo calma. E desceram a escada discutindo alto. Aquela cena real energizou a mim e ao Milson. Literalmente, saímos da tomada 110 para a de 220. Nunca mais me esqueci. Teatro tem dessas coisas”, conta Luiz Tadeu Teixeira.

Para lembrar o talento de Milson, o cineasta fala de outro grande sucesso do multiartista. “Na peça ‘Vitória de Setembro e Setembrino’, que Milson dirigiu e atuou com alunos da Engenharia, em 1968, ele, num momento solo, devidamente caracterizado, imitou a jornalista Maria Nilce, que começava a carreira de forma arrasadora no jornalismo social >>

Criador e criatura: Milson e Gobbi (Marly) participam do lançamento de mais um Outubro Rosa, movimento coordenado pela Afecc no Espírito Santo



de Vitória. Posso garantir que nos quase 50 anos que participo e acompanho da cena capixaba, esta peça foi um dos maiores sucessos que vi para público adulto no Estado. E naquela época o Carlos Gomes estava fechado.”

Luiz Tadeu disse que conheceu Milson, em 1968, quando começou a trabalhar no jornal O Diário. “Milson era muito ligado ao teatro e ao cinema capixabas. Trabalhou, antes, em filmes e peças de teatro dirigidas por Toninho Neves, até 1967, quando Toninho foi pra Brasília e depois para a Rússia. Chamei o Milson para ser ator no primeiro filme

que dirigi, ‘Ponto e Vírgula’, realizado em 1969. Fui ator ao seu lado no musical ‘Ensaio Geral’ (1970) e depois na peça teatral ‘Mordaça’. Fiquei afastado de Vitória por quatro anos e, em 1975, voltei a atuar ao seu lado na peça ‘O Inspetor Geral’, que marcou a volta de Toninho Neves a Vitória. Alguns anos depois eu dirigi a primeira montagem de sua peça infantil ‘O Boom da Poluição’, que bateu o recorde de público em um único dia no Theatro Carlos Gomes (duas sessões, totalizando quase 1.200 pessoas).”

Apesar do sucesso como

autor de teatro, como ator e cartunista, que deu maior popularidade ao artista com a tirinha diária da Marly no jornal A Gazeta, o próprio Milson Henriques dizia-se mais um poeta. “O que mais gosto, onde eu me exponho, onde eu fico nu, é na poesia. É na poesia que eu tiro toda a máscara e mostro exatamente quem eu sou.” A declaração foi feita no documentário “Minha vida não é só teatro”, com roteiro e direção da produtora de eventos e jornalista Ângela Buaziz e pesquisa dela e da jornalista Andréia Nunes.



A solteirona Marly é o personagem mais conhecido de Milson Henriques

ÍCONE

“A cultura capixaba teve a chance de ter em Milson Henriques um ícone. Um farol nos tempos da escuridão da ditadura. Um educador que fez brotar talentos em nossas crianças. Autor de dezenas de peças de teatro, livros e tiras diárias para jornais, transitou com humor e brilhantismo em tudo o que fez e em inúmeras linguagens artísticas”

João Gualberto, secretário de Estado da Cultura do Espírito Santo

AMIZADE

“Milson Henriques foi responsável pela grande descoberta de que havia mais humor e arte no cenário teatral do Espírito Santo que eu supunha. Ainda me lembro o quanto me diverti vendo a peça ‘De Setembro à Setembrino’, sátira mordaz e verdadeira de nossa cena política e social de então, e depois as vezes que assisti às diversas peças de Marly – deliciosa e marcante criação, brilhantemente interpretada pelo grande José Luiz Gobbi. Não perdia uma e assim, fui conhecendo e me integrando um pouco mais ao mundo de Milson. Milson foi um multiartista e deixa um legado expressivo para a cultura capixaba: literatura, teatro, artista gráfico, ator, mas, acima de tudo, era uma pessoa fantástica. Tive enorme satisfação quando, em 2012, a Escola de Samba Andaraí o homenageou, por ter sido convidada, por ele, para integrar o time dos Amigos de Milson”

Maria Luíza Vellozo, amiga pessoal de Milson Henriques

Como tudo começou



Foto: Divulgação

Milson Henriques fugiu de casa com 14 anos, passou por Brasília e por Salvador, de onde saiu “corrido” para o Espírito Santo, perseguido pela Ditadura Militar, de quem não teria sossego em Vitória também. Fora visitar e se explicar algumas vezes para a Polícia Federal sobre suas obras.

Sua ideia, logo que saiu de Salvador, era apenas passar pelo o Espírito Santo, no caminho do Uruguai. Mas o artista, que chegou a Vitória em 1964, não tinha dinheiro para prosseguir viagem. Sua sorte começou a mudar quando o empresário, jornalista e escritor Cariê Lindenberg (por muitos anos o principal executivo da Rede Gazeta, da qual é um dos sócios), que o levou para Agência Eldorado, da qual foi fundador. Ele viu Milson desenhando em tapumes do prédio do Banestes, no Centro de Vitória, e ofereceu o seu primeiro emprego no Estado.

Pouco depois, começou a ensaiar um namoro com A Gazeta, publicando a coluna “Dondoca já se foi”, no jornal do Janc, a partir de 1966. Ele trazia as notícias que saía na página policial e as transformava em acontecimentos para a alta sociedade capixaba.

Depois, em passagem por A Tribuna, criou um jornal de hu-

mor, chamado Jornaleco, que o tornou uma “espécie de cliente preferencial da Polícia Federal” e que o levou a ter de se explicar muitas vezes. A primeira incursão pelo teatro foi em 1966, com a peça “Arena Contra Zumbi”, também com teor político.

Segundo o jornalista, ator e cineasta Luiz Tadeu Teixeira, nesse período Milson Henriques era a pessoa mais ilustre da cultura capixaba. “O Milson era abraçado pela cidade inteira. Tudo que ele fazia era um sucesso estrondoso.”

Com o vigor de trabalho de Milson Henriques surgiu, em 1967, o I Festival de Cinema Capixaba e, em 1968, o I Festival de Música do Espírito Santo. No início dos anos de 1970, com o sucesso no teatro, surgiu o convite para que dirigisse o Grupo de Teatro Infantil do Carlos Gomes, ligado à Fundação Cultural do Espírito Santo (FCES), atendendo a um convite de Marien Calixte, que era, então, o diretor de Cultura da FCES.

No mundo multimídia do artista, nasceu, em 1973, o seu personagem mais conhecido, a Marly, que virou uma tirinha diária publicada em A Gazeta, novamente provocado pelo jornalista e escritor Marien Calixte, que também já morreu, e que o desafiou a criar uma personagem bem capixaba. Em 1976, Marly já era um sucesso e passou a ser publicada em 15 jornais, em 11 estados brasileiros.

Em 1979, Milson já participava como uma das estrelas do programa infantil Gazetinha, da TV Gazeta, ensinando técnicas de desenho e influenciando vários desenhistas capixabas. O artista foi, ainda, tema de enredo da Escola de Samba Andaraí, que homenageou seus 50 anos de carreira. ■

UM POUCO MAIS DO ARTISTA

- ▶ Milson Henriques nasceu em 9 de maio de 1938, na cidade de São João da Barra (RJ).
- ▶ Atuou no programa infantil Gazetinha, da TV Gazeta, entre 1979 e 1984, como desenhista, ensinando técnicas de desenho.
- ▶ Foi desenhista de diversas empresas de publicidade do Rio de Janeiro, de Belo Horizonte, de Campos e de Vitória. Foi arte-finalista da Eldorado Publicidade, uma das primeiras agências de publicidade do Espírito Santo, seu primeiro emprego no Estado.
- ▶ Atuou como jornalista de “O Debate”, “A Tribuna”, “O Diário” e “TV Clube”.
- ▶ Foi organizador do I Festival Capixaba de Música Popular Brasileira e do I Festival Capixaba de Cinema Amador.
- ▶ Em 1963, recebeu o prêmio de “Melhor Caricaturista”, em concurso da “Revista do Rádio”, e foi eleito “Jovem do ano de Vitória”, em 1967 e 1968.
- ▶ Estreou como ator nos palcos do Espírito Santo em 1966, com o Teatro de Arena, no antigo Teatro Brasileiro, com a peça “Arena Contra Zumbi”.
- ▶ Em 1973, criou sua mais famosa personagem, Marly, a solteirona, tirinha publicada em A Gazeta e, depois, em vários outros jornais brasileiros.
- ▶ Em 2010, sua contribuição para a cultura capixaba foi registrada em documentário, exibido durante homenagem no 17.º Vitória Cine Vídeo. No documentário “Minha Vida não é só Teatro”, de Ângela Buaiz.
- ▶ Em 2012, a Escola de Samba Andaraí, do bairro Santa Marta, em Vitória, homenageou os 50 anos da carreira do artista. Esta mesma escola, em 2002, já o havia homenageado na avenida.

Fonte: *Jornal A Gazeta*

O som encantado da *Camerata Sesi*

DIREÇÃO DA ORQUESTRA DE CÂMARA CRIA ESTRATÉGIAS PARA DESCOBRIR NOVOS MÚSICOS, AMPLIAR O PÚBLICO E DIFUNDIR A MÚSICA CLÁSSICA

Eventos que aproximam o clássico do popular, ensino de música para estudantes das escolas fundamentais e de ensino médio, um esforço frequente de marketing para criar público e para incrementar as apresentações da Camerata Sesi marcam o sucesso deste grupo que, há oito anos, se solidifica no cenário cultural capixaba.

Um público incomum acompanha essa trajetória, que exige um esforço de adequação aos tempos de hoje, como admite o mentor do projeto, o maestro Leonardo David. Com ele à frente, o Sesi realiza sua incursão bem-sucedida pela história da música capixaba e 16 músicos realizam um sonho dos mais difi-

ceis: viver de música, ter salário fixo para trabalhar no que se gosta e transmitir e difundir o seu conhecimento com meninos e meninas com sede de cultura.

A derivação educativa do trabalho da Camerata fez surgir o projeto de ensino de música, que atinge alunos das sete escolas Sesi no Estado, a partir de um

método de ensino japonês que atua com grupos de alunos agregados por instrumentos. Cada uma das escolas tem direito a aula apenas de um instrumento, para potencializar o projeto. Só neste primeiro ano, que se concretizará em setembro, 300 alunos têm o privilégio do acesso à educação musical.

A ORQUESTRA

Direção artística e regente titular: Leonardo David

Violinos 1: Jacqueline Xavier, Thamyris Finco, Dennys Serafim, Elton Reis e Pedro Ramiro

Violinos 2: Dayse Sales, Marcélio Martins, Suelen Peroni e Vitor Finco

Violas: Júlio César, Martines Galimberti e Rafael Radke

Violoncelos: Carolina Luz, Ever Agüero e Fabrício Moura

Contrabaixo: Leandro Nery



Foto: Divulgação

Os instrutores são os próprios músicos. O maestro David confessa que guarda um sonho para esse projeto: formar uma orquestra com os alunos de música do Sesi. Este, no entanto, seria um sonho a ser repartido com o público capixaba.

Sedução

Para ampliar todo o trabalho desenvolvido pelo Sesi na área, a instituição criou há dois anos uma Divisão Cultural. Com ela, definiu-se uma estratégia de marketing sedutora, que deveria atrair mais público para a Camerata e difundir a música clássica. Os resultados são comemorados pelo diretor artístico e regente titular da Camerata Sesi, Leonardo David. “O público só cresce.”

Para formar público e para transformar os concertos da Camerata no sucesso de hoje, o maestro e sua equipe investem há quase quatro anos em projetos de aproximação da música clássica com a popular. Atualmente, são desenvolvidas séries específicas, com apresentação mensal, como a Sesi Música Clássica e Música de Câmara e a Camerata Pop, nesta

última, o grupo executa músicas mais populares e conhecidas do público em geral.

Como todo esse processo tem um sentido de formação de público para a música de câmara, o maestro sabe como seduzir para as apresentações mais afeitas à sua orquestra. “Durante o concerto, fazemos uma pequena demonstração do que o público poderá ver no evento de outra série.” David, inclusive, mostrou uma dessas apresentações, da Camerata Pop, na qual apresenta um trecho de obra típica da série de música de câmara, que usa para seduzir o público.

Em um passado recente, a Camerata Sesi chegou a fazer concertos denominados Rockestra, que foram de grande sucesso de público. Segundo o gerente da Divisão de Cultura do Sesi, Luiz Vancea, o sucesso desses concertos foram determinantes para a criação de outras séries, também muito bem-sucedidas, como a Camerata Pop.

“Temos que estar antenados com essa tendência mundial de divulgação da boa música, que já ocorre com grandes orquestras, como a de Filarmônica de Berlin, que fez um musical contemporâneo. Em um dos nossos concertos aqui, todos os músicos tiveram até de cantar. Até eu cantei. Temos de nos reinventar”, confessou o maestro Leonardo David.

O uso de ferramentas de tecnologia de informação é outra ação que o regente utiliza para ampliar o seu público. “Utilizo uma linha de transmissão, no WhatsApp, com informações de música clássica e para preparar as pessoas para ver os nossos concertos”, revelou.



As aulas de música seguem um método para o ensino coletivo

Talento para a vida

O talento dos músicos da Camerata Sesi está a serviço dos meninos e meninas que querem aprender música nas sete unidades das escolas da instituição. Todas as segundas-feiras, cada uma dessas escolas recebe, desde outubro de 2015, esses músicos/instrutores, que, por uma hora (cada turma), ensinam a grupos de até dez alunos o prazer de tocar um instrumento.

O maestro Leonardo David explica que há dois objetivos com o projeto: a descoberta de novos talentos e a sensibilização do aluno pela música, que se reflete na formação de público no futuro, para os que não tiverem talento ou não quiserem seguir a profissão de músico, e na melhoria do processo de aprendizagem. “O trabalho na escola tem uma grande função social. Ele ajuda a transformar o ser humano, a >>





Fotos: Divulgação

A Camerata Sesi leva aulas de música para cerca de 300 alunos nas sete unidades educacionais da instituição

torná-lo mais sensível”, completa David.

Cerca de 300 alunos participam do projeto e todos os 16 músicos da Camerata são instrutores, capacitados e coordenados pela professora de música da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Gabriela Queiroz. Cada turma tem dois professores de música, para dedicar o máximo de atenção aos alunos.

Segundo Leonardo David, cada unidade escolar do Sesi re-

cebe aulas de um só instrumento, para potencializar o curso de música, evitando, por exemplo, o deslocamento dos instrutores entre escolas, o que reduziria o número de classes de música.

O método de ensino é japonês, com aulas coletivas para até dez alunos. Quem participa, aprende, além de tocar o instrumento, sua história e tem interfaces com outras disciplinas. Não há um prazo de formação determinado, mas serão realizados, de forma

periódica, recitais. Este ano, dois estão marcados: um para agosto ou setembro e o outro para dezembro.

A escolha dos “alunos-músicos” se dá de acordo com critérios de seleção, que vão da idade (os mais novos levam vantagem, em função da necessidade de tempo para aprender a tocar os instrumentos), do dom e, até, de ter o instrumento em casa.

Os resultados do trabalho até agora com os alunos animam muito o regente. David admite que já trabalha, em silêncio, os novos talentos. “Já é possível percebê-los, mas nem eles mesmos sabem disso.”

Esses meninos talentosos do Sesi serão preparados, um pouco mais para frente, em aulas individuais e formarão um “pequeno exército” com quem o maestro sonha contar daqui a alguns anos. Para atingir este objetivo, David diz que o próximo passo é criar turmas para aula de instrumentos de sopro.

O prazer de viver da música

A violoncelista Carolina Luz, de 23 anos, e o violista Martinez Galimberti Nunes, de 46 anos, são, respectivamente, o mais jovem e o mais velho músico das Camerata Sesi. Os dois integram o grupo há cerca de dois anos e, como os colegas, cumprem uma rotina rígida de estudos, ensaios e de transmissão de conhecimento aos alunos das unidades educacionais do Sesi.

“É uma rotina puxada. Apesar da carga horária de 25 horas semanais, temos sempre os concertos de atendimentos às empresas, às vezes com a orquestra inteira, às vezes com a formação de quarteto de cordas.

Nas segundas-feiras, damos aulas de música para os alunos de 14h às 19h e de terça a sexta-feira são os ensaios da orquestra. Durante a semana temos duas horas diárias destinadas ao estudo do instrumento e do repertório da orquestra, sem contar os ensaios (também diários). Então, estudo (individualmente) pelo menos duas horas por dia. Mas, na verdade, precisamos de muito mais do que isso. E, claro, estudamos muito em casa mesmo”, explicou a jovem musicista.

Carolina é um desses casos raros de músicos profissionais que começam a estudar muito

tarde e ainda assim conseguem se destacar na profissão – o ingresso na Camerata Sesi se dá por concurso. “Comecei a estudar violoncelo com 16 anos, o que é considerado tarde pra quem quer seguir uma carreira profissional. Geralmente, começa-se criancinha. Dezesseis anos pode ser tarde, mas não é impossível. Com muita dedicação e estudo a gente chega lá. E não para nunca, porque o desenvolvimento é contínuo. Tenho muito que melhorar ainda.”

O colega mais velho não começou muito antes, também. “Comecei a estudar viola aos 14

anos”, conta Nunes, que tem uma jornada ainda mais puxada do que Carolina. “Eu trabalho na Oses (Orquestra Sinfônica do Espírito Santo) pela manhã e na Camerata do Sesi à tarde. Só com os ensaios, são seis horas diárias. E ainda consigo estudar duas ou três horas nos intervalos entre os ensaios.”

Em uma profissão que muitos talentos não conseguem chegar a se sustentar da música, Carolina e Nunes sentem-se privilegiados em viver do que gostam. “Trabalhar com o que se ama e ainda ter a garantia do salário no fim do mês é muito bom”, ressalta a musicista. “Viver de música é uma batalha diária. Vivemos em um país que ainda pensa que músico não é profissão. Para se tornar um profissional de orquestra, um músico precisa estudar muito mais que um médico, por exemplo. E isto não garante seu emprego, pois o mercado é muito competitivo. Estou muito feliz de encontrar aqui em Vitória um ambiente propício para o desenvolvimento da música de concerto e poder contribuir para o crescimento da orquestra do Sesi, que vem se destacando no cenário nacional com um repertório variado e de qualidade”, dispara Martinez Galimberti Nunes.

Carolina nasceu em Macaé, no Rio de Janeiro, e sempre teve uma paixão pela música. Fez alguns poucos anos de piano e coral quando morou em Rio das Ostras, uma cidade “contaminada” por um dos principais festivais de jazz do país. Porém, ela confessa que nunca tinha considerado ter uma carreira musical. “Meu pai é percussionista e apesar de ser um profissional muito bom e de tocar

com muitas bandas e pessoas, cresci vendo a luta que foi e ainda é para ele viver de música.”

Já Nunes nasceu em Porto Alegre e mudou para Vitória depois de fazer o concurso da Oses. Ele é formado em Música pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (viola e composição) e pós-graduado pela Universidade Federal de Minas Gerais (viola).

A nova experiência dos dois

como instrutores de música os entusiasma. “Estou animado com os alunos. Eles demonstram muito interesse em tocar um instrumento de orquestra e muita curiosidade sobre a rotina de um músico profissional. A sociedade precisa de projetos como esse, pois alimenta um convívio sadio entre os alunos da escola e traz resultados positivos no desenvolvimento cognitivo dos alunos”, disse o músico. ■



Carolina (única mulher da foto) é a mais jovem do grupo do Sesi, com apenas 23 anos

Palácio da Cultura

Fabiana Caniçali Braga*

A pós ter passado por um processo de restauro e requalificação para acolher um novo espaço voltado para a cultura, um ícone capixaba está prestes a abrir suas portas ao cidadão espírito-santense: o “Palácio da Cultura Sônia Cabral”.

Renomeado em homenagem à pianista e fundadora da atual Orquestra Sinfônica do Espírito Santo (Oses), o antigo Palácio Domingos Martins está elegantemente arrumado

para receber nossos artistas e um público variado, numa iniciativa do Governo do Estado em parceria com o Instituto Sincades.

O imóvel, inaugurado primeiramente em 1912, foi erguido sobre os alicerces da antiga Igreja da Misericórdia. Ladeado pela Praça João Clímaco e defronte ao Palácio Anchieta na Cidade Alta, ajuda a formar um dos principais conjuntos arquitetônico e urbano de Vitória. O então Palácio Domingos Martins foi construído no Governo de Jerônimo Monteiro, como parte do “projeto de modernização da Capital”, empreendido nas primeiras décadas do século XX. Edificado para abrigar o Congresso Legislativo Estadual, o prédio conservou tal uso até os anos 2000, quando a casa legislativa se mudou para a atual sede, no bairro da Enseada do Suá.

Trata-se de um edifício tombado como patrimônio cultural do Espírito Santo desde 1983, tendo em vista sua significação para a história de Vitória e do Estado. Mais que o valor estético refletido pela arquitetura eclética, a edificação representa um importante marco do período republicano no Brasil.

No coração da cidade de Vitória, o mais novo equipamento cultural do Estado foi restaurado por profissionais

qualificados, coordenados pela equipe da Secretaria de Estado da Cultura (Secult). A restauração ora empreendida teve entre seus princípios norteadores a preservação e a conservação dos elementos arquitetônicos históricos da edificação. Mais do que isso, outro fator essencial para o projeto foi tornar o imóvel acessível, uma vez que se trata de uma edificação antiga, dotada de vários níveis com muitas barreiras. Há que se mencionar ainda a funcionalidade na distribuição dos ambientes, bem como a preocupação com a segurança e o conforto dos usuários em relação ao novo uso.

A proposta buscou assegurar as características do bem tombado, preservando as antigas fachadas, seus adornos, além das formas e materiais das coberturas. Internamente procurou-se manter a configuração da distribuição dos três pavimentos e das divisórias em alvenarias ora de pedra, ora de tijolos maciços, principalmente das antessalas voltadas para a fachada principal e das salas voltadas para a fachada lateral direita do prédio.

As mudanças mais significativas foram em relação ao local da antiga plenária da Assembleia Legislativa, onde parte das lajes e estruturas de concreto foi demolida para possibilitar a configuração de um teatro e seus equipamen-



Fotos: Divulgação/Erika Piskac

Mezanino e plateia com capacidade para 206 pessoas, incluindo espaço...

tos. Para garantir a segurança e estabilidade da edificação, novas estruturas de aço e concreto armado foram inseridas internamente, reforçando os elementos estruturais existentes.

A edificação histórica é constituída de três pavimentos, que foram preservados. Num meio-pavimento, considerado como primeiro, com entrada pela Rua Pedro Palácios, está localizada, internamente, a bilheteria do teatro, tendo em vista a facilidade de acesso. Situam-se ali também as salas administrativas, recepção, banheiros acessíveis, copa, além de elevador, que promove à acessibilidade aos demais pisos do espaço cultural.

O segundo pavimento possui dois acessos: um principal, com varanda e escadaria voltada para a Praça João Clímaco, e outro, de serviços e dotado de rampa, pela Rua Muniz Freire. Adentrando ao Palácio pela porta principal chega-se no foyer composto de três salas, uma central e duas laterais, que formam um conjunto mantido conforme configuração original. A sala central do foyer dá acesso ao hall das escadas, elevador e sanitários acessíveis, além da plateia da sala de espetáculos. Ao longo desta existe uma circulação interna onde se alojam sanitários, sala de apoio, camarim individual, plataforma elevatória de acesso ao palco, além de hall, escada de serviços e área de serviço.

O terceiro piso é evidenciado por um espaçoso vesti-



Fotos: Divulgação/Erika Piskac

... para pessoas com necessidades especiais, formam o Palácio

“A PROPOSTA É QUE O PALÁCIO DA CULTURA SÔNIA CABRAL [...]

SEJA VOLTADO PRINCIPALMENTE PARA A MÚSICA, PEÇAS TEATRAIS E ESPETÁCULOS DE DANÇA”

bulo que promove o ingresso ao mezanino do teatro. A sala de espera redonda sob a cúpula, integrada ao foyer, é constituída de grandes esquadrias, as quais dão vistas ao imponente Palácio Anchieta e à baía de Vitória.

Após uma temporada adormecida, aquele que em tempos remotos vivenciou inúmeras decisões políticas, foi adapta-

do tecnicamente e revestido de uma roupagem contemporânea para funcionar como teatro. A proposta é que o Palácio da Cultura Sônia Cabral, com uma sala para apresentações de pequeno porte e capacidade total para 206 lugares, entre plateia e mezanino, seja voltado principalmente para a música, peças teatrais e espetáculos de dança.

Outrora palco de momentos marcantes da vida pública local, o digno Palácio agora passa a figurar como uma casa de espetáculos de qualidade artística e com todo conforto necessário para receber seus espectadores. Tratado com todo o apreço que um monumento merece, o Palácio da Cultura Sônia Cabral é um verdadeiro presente para a população capixaba, que passa a contar com um charmoso teatro, equipado com a técnica e a infraestrutura necessária para um funcionamento eficiente. É com muito orgulho e satisfação que aguardamos para aplaudir de pé nossos talentos. ■

(¹) Fabiana Caniçali Braga é arquiteta da Secretaria de Estado da Cultura



CATEDRAL DE VITÓRIA | Foto: Chico Guedes

